

## Questionando os números

terça-feira, 5 de agosto de 2008

Fonte:

A primeira reação de um leitor apressado, que só ficou restrito ao título da notícia, pode ser a de afirmar: "Que maravilha." Mas precisamos nos aprofundar.

A pesquisa apresentada pelo economista Marcelo Neri, da FGV (Fundação Getúlio Vargas), traz como título: "A nova classe média", que já tem algo de tendencioso. Segundo a pesquisa, a classe média no Brasil saltou nos últimos anos (de 2004 para 2008) de 42,26% para 51,89% da população.

O que me chamou atenção, mais do que esse crescimento, foi a metodologia utilizada pela fundação para definir o que ela considera classe média. Para a FGV, uma família de classe média, chamada também de classe C, recebe numa faixa que varia entre R\$ 1.064 e 4.591. Colocar famílias com diferença salarial tão elástica na mesma classe é impreciso e inexato.

E essa imprecisão torna-se maior ainda se considerarmos o número de membros dessas famílias. Uma família composta por seis membros, que ganhe R\$1.064, tem uma renda per capita mensal de menos de R\$ 200. Já uma família que receba R\$ 4.500, com quatro membros, terá uma renda per capita mês de mais de R\$ 1.000. Que classe média é essa, tão dispar, com pessoas ganhando o equivalente a R\$ 200, outras ganhando R\$ 1.000? É claro que eu levei em consideração nesse cálculo as crianças, que estudam e não trabalham, mas comem, usam roupa, tênis e outros bens de consumo.

Segundo a FGV, as classes A e B, colocadas como elite, segundo a pesquisa, têm renda superior a R\$ 4.591, tendo crescido de 11,61% para 15,52% da população. Essa classificação também é imprecisa porque depende de quantos membros cada família possui. Uma família com renda de R\$ 4.600, com sete membros, não pode ser considerada elite de forma nenhuma.

E a imprecisão continua na análise das outras classes. A classe D, chamada de remediada, diminuiu de 46,13% para 32,59%. A renda dessa classe varia de R\$ 768 a R\$ 1.064. Uma família de oito membros, ganhando R\$ 768, tem uma renda per capita de menos de R\$ 100. Não é remediada não, é paupérrima.

E a classe E, considerada pobre, caiu 13,5% e ganha menos de R\$ 768. Essa classe está abaixo da linha da pobreza. As pesquisas são referenciais, mas não devem ser lidas como verdades incontestáveis. Não são. Ainda há um abismo muito grande separando a elite dos miseráveis. A estrutura da nossa sociedade continua perversa.

Jaime Leitão é cronista, poeta, autor teatral e professor de redação

[jaimeleitao@linkway.com.br](mailto:jaimeleitao@linkway.com.br)